

## LUZES NO QUADRO ESCURO

(o quadro-negro como encontro de consciências)

J. F. Regis de Moraes \*

instituto de Filosofia - PUCCAMP

Algumas vezes as didáticas modernas reduziram o quadro-negro da sala de aula a não mais que um detalhe. Mas alguém muito sutil já disse que "Deus habita o detalhe". Razão pela qual, ainda que aceitemos a referida redução que é, para mim, discutível, sempre terá cabimento uma reflexão sobre o escuro espaço no qual o saber se monta e desmonta ante a perplexidade dos alunos. Uma miuçalha tratar disto? Não creio que seja. Mas ainda que fosse hoje estamos, no ensino, muito precisados de heróismos pequenos, pois que os grandes se têm mostrado ambíguos: ora verdadeiros ora não mais que retóricos. Às vezes é por desatenção às pequenas coisas que nos tornamos tão desastrados no trabalho ao mesmo tempo árduo e fascinante de ensinar. Uma cultura amadurecida sabe que é tão importante discutir macroeconomia como escolher direito as verduras.

Muitas vezes penso que minimizar, na realidade da sala de aula, o valor do quadro-negro seja algo parecido com desprezar, numa sala fechada, o significado de uma janela. Por mais antigo que seja, o quadro continua sendo, quando se sabe e se quer usá-lo devidamente, dos melhores e mais imediatos recursos didáticos. Eis porque me interessa agora em refletir um pouco sobre este "detalhe".

### 1 – O ESPAÇO CONVERGENTE

Nossos cursos para professores, sobretudo os universitários, desejosos de falar uma linguagem mais elegante e científica, abordam questões transcendentais e complicadas de educação e, muitas vezes, esquecem-se desta coisa menor (?) que é informar aos seus alunos **como se dá uma aula**. Disso me falava, há algum tempo, uma destacada professora universitária esclarecendo-me de que ficara tão perdida, após sua licenciatura, ao entrar numa sala de aula para lecionar que, como que dando uns passos atrás, fizera curso de normalista (atual "magistério") para aprender modos

---

(\*) Mestre em Filosofia Social, Doutor em Educação, professor na PUCCAMP e na UNICAMP, Campinas, SP.

efetivos de comunicar-se com seus alunos. E o breve depoimento daquela professora trouxe-me à lembrança experiências vividas com mestres do meu tempo de estudante, figuras de inequívoca erudição e clara sabedoria, que simplesmente nada sabiam de **como ensinar**, inteiramente desamparadas quanto às técnicas básicas da comunicação docente. Vindos dos guardados da memória assomaram diante de mim aqueles quadros-negros repletos de setas, rodelas e riscos inúteis, com palavras pela metade indicadoras de uma certa gagueira comunicacional e, pior que isso, de certo atordoamento didático. Ora, assim como o gesto que eu faço tem de se relacionar efetivamente com o que falo, imagino que o que é marcado na superfície didática do quadro tem que ter relação estreita com o desenrolar das explicações daquele que está à frente da classe.

Hoje as escolas de certas regiões contam com retroprojetores, projetores de slides, álbuns seriados e mil outros recursos; mas nenhum deles com o condão de articular tão bem, a **performance** do professor com a curiosidade dos alunos, quanto o quadro-negro. Isto porque, aquele intrigante espaço na parede, permite uma especial combinação entre o movimento e a inércia. Se é verdade que os dados ali anotados permanecem inertes enquanto não os apagamos, é também verdade que eles nos remetem a um pensamento pulsátil e vivo que os produziu, bem como fica claro que tais dados resultaram dos movimentos de uma inteligência perante outras. E os alunos percebem isto com sutileza, com mais senso de dinâmica intelectual do que pensamos. Ao passo que aquilo que é oferecido em folhas individuais ou que se projeta numa tela abstrai, por assim dizer, a carga pessoal que o bom educador coloca em seu trabalho, algo semelhante se dando com muitos outros recursos áudio-visuais.

Não me tomem por preconceituoso. Na verdade deve parecer estranho que alguém, na era da cibernética computacional, pense em teimosamente revalorizar o velho e modesto quadro-negro. Tudo pode ficar parecendo uma recaída nostálgica ou reação inadequada ao ritmo dos tempos, porque afinal o ser humano já foi à lua e os computadores estão traduzindo textos. Que história é essa de giz e rabiscos? **Softwares** estão sendo produzidos para o ensino, os tempos parecem muito outros. Mas, na verdade esta é uma reflexão de alguém que está há 22 anos em sala de aulas e já experimentou quase todos os recursos mais hodiernos, tendo constatado que o quadro-negro, uma vez usado competentemente, faz-se em um espaço de convergência entre a leitura da realidade trabalhada pelo explicador com empenho vital e a discussão dessa leitura que seus ouvintes fazem. Os tempos passaram, tudo mudou imensamente, mas... continuamos usando a roda, por exemplo.

Tenho para mim que dois males ameaçam o processo de ensino-aprendizagem: 1) a pura expositividade; 2) a pura discussão, por parte dos alunos. No primeiro caso, condenamos o aluno a morrer "platéia";

no segundo, ensejamos muitas vezes uma espécie de delírio indefinido, que não é construído sobre elucidações prévias. Em uma circunstância, acaba-se por tolher a iniciativa de reflexão crítica e de criatividade do discente, e em outra, deixa-se-o entregue aos caminhos e descaminhos de uma perplexidade por falta de fundamentações. A aula criativa conta também com improvisos, mas uma aula não pode ser pura improvisação — como algumas que tenho visto que mais parecem terapia de grupo. Assim, tudo indicou em minha experiência, que os trabalhos docentes devam ser divididos equilibradamente entre expositividade e discussões plenárias ou em grupo. Agora veja-se: em qualquer destas atividades o quadro-negro pode ter importante papel, principalmente no caso do trabalho expositivo.

A comunicação oral, se não é registrada em seus passos mais importantes, ante as vistas dos ouvintes, pode não ter a efetividade que é ideal. Dito de outra forma: quando a memória auditiva é apoiada pelos registros gráficos, o trabalho se torna mais proveitoso, dando inclusive oportunidade à tomada de apontamentos mais firmes (menos confusos). Nenhum apontamento é melhor que anotações confusas, que são fulcros de angústias e equívocos. Mas, — e isto é da maior importância — se aquilo que se ouve tem, como fundo, uma anarquia gráfica de riscos, rabiscos e gráficos mal sinalizados, o que se ouve sofre a influência **perturbadora** daquele “apocalipse” que é traçado no quadro.

Nossas salas de aula ainda têm a distribuição espacial derivada das igrejas: o púlpito à frente, os fiéis voltados para o sacerdote — tal como há mais de quatro séculos os jesuítas fizeram em nossas primeiras escolas. Deste modo fica, a mesa do professor, à frente, bem como o espaço gráfico (quadro) inicialmente destinado à docência; tudo isto de um jeito que faz os olhares dos alunos estarem sempre desafiados pelo intrigante espaço escuro no qual, de um momento para outro, se iniciará um processo visual de articulação e desarticulação de idéias ou princípios científicos. Naquele espaço se dará uma sutil convergência de consciências ou, no mínimo, terá ali um dos lugares do seu processo.

## 2 – ESPAÇO DISCIPLINAR

Preparar um quadro-negro é uma técnica e, como tal, exige disciplina por parte do professor. Tirando-se toda a carga indevida de malentendidos que este vocábulo carrega (**disciplina** como obsessividade, como minuciosidade supérflua ou como expediente de autoritarismo), ele aparecerá limpo, indicando cadência de pensamento, capacidade de distinguir o essencial do acessório, dom de resistir às precipitações e cor-

erias do ritmo psicológico. A auto-disciplina possibilitará ao professor fazer o registro de sua mensagem em ritmo lógico, com uma metodologia comunicante e serena porque ordenada **em consideração ao interlocutor**. A quem me dirijo e como me devo dirigir, deve sempre se perguntar o comunicador.

Se quero mesmo atingir consciências, preciso esclarecer para mim os caminhos através dos quais (métodos) chegarei a isto. As Escrituras Sagradas dizem que não se pode dar leite forte e gordo para recém-nascido; imagem literária para esclarecer que aquele que vai dar precisa ter claro o que o carente está em condição de receber, o que ele pode ingerir e digerir sem transtornos e congestionamentos. Ora, dominando esta primeira sabedoria, o ensinante deverá saber organizar idéias e argumentos (sejam científicos, filosóficos, teológicos, etc.) de forma a induzir no que aprende um processo efetivo e também organizado de apreensão. A esta altura, não consigo deixar de ver o riso mais irritado do que risonho dos mestres rebeldes — que não há só alunos rebeldes! isto é um jeito preconceituoso de ver as coisas — que, no que toca à autodisciplina, encontram-se numa longa e renitente adolescência. Às vezes profissionais de enorme competência pessoal, mas que ainda não desconfiaram de que a sala de aulas não é o lugar mais apropriado para o seu esparramo narcísico, para a grande queima-de-fogos do seu virtuosismo. Ainda estou com Descartes, quando este afirmava que quem pensa com clareza diz com simplicidade, preocupando-se com uma ordenação do dizer que facilite a apreensão por parte do ouvinte.

E já que estamos falando de gente importante, lembremo-nos de William James que dizia, noutras palavras, que uma curta frase bem arrumada valia mais, muito mais do que longos discursos desarrumados e obscuros. Se ao nos comunicarmos não nos dirigimos às reais possibilidades do interlocutor, nisto não há brilhantismo nenhum. Muito ao contrário: instala-se o monólogo desperdiçador.

Elaborar um bom roteiro de aula no quadro-negro exige que o professor supere preconceitos, aceite o lado mais braçal da sua tarefa pedagógica; e isto será superior a imprimir cópias do mesmo roteiro em papel, uma vez que o individual separa e acaba empobrecendo o que atrás chamamos de convergência de inteligências e sensibilidades. Uma coisa também certa é que fazer um eficiente quadro não implica em nenhuma técnica muito pernóstica — daquelas que tanto nos afeiçoamos a aprender dos **experts** norte-americanos. Tudo se resume em fazer um simples sinótico: enxuto e inteligente, que não peque nem pelo muito nem pelo pouco. O sinótico indicará, bem sinalizadamente, um caminho, dando um caráter de organicidade àquilo que será oralmente comentado. Lotar um quadro com infindável rol de minúcias? Isto, além

de trabalhoso é aborrecido e de pouco resultado. Há que saber-se mostrar o “percurso de um rio com seus principais afluentes sinalizados”, sem cair na calmaria de igarapés desimportantes e desnortear o aluno num labirinto de atalhos.

Como fazer isto? Usando que tipos de letras, de numeração, de sinais ou abreviaturas? Bem, se o docente não souber encontrar o **seu estilo**, nada feito. Inexiste forma padrão de comunicação. Cada um que cuide de elaborar o seu jeito e desenvolver os seus recursos, que aqui não há receitas ou fórmulas encantadas. A única coisa que fica clara é que quem não logra atingir a autodisciplina vai “fazer do seu quadro-negro uma arma” e uma das vítimas poderá ser ele mesmo, gastando muito esforço para a obtenção de mínimo resultado (quando há algum).

Com senso de propriedade e autodisciplina descobre-se facilmente a enorme plasticidade, a versatilidade do quadro-negro. O literato, o geômetra, o neuro-fisiologista, o filósofo, o matemático, o estatístico, o comunicador – todos, enfim, têm na intrigante superfície de circulação de signos e significados um lugar acolhedor para todas as intenções de comunicação do saber ou de discussão deste. Tudo está em se desenvolver maneiras ordenadas e inteligentes de tirar proveito da possibilidade de montar e desmontar, de marcar e apagar codificações veiculadoras de idéias, temas e princípios científicos. Tudo também está em dar-se oportunidade aos alunos de, da mesma forma, ensaiarem o uso dos recursos gráficos no quadro para clareamento de suas explicações, seja isto no transcurso de um seminário, seja na realização de exercícios científicos ou em simples aparates de aula que mereçam ser trabalhados um pouco mais.

Em todo caso, a autodisciplina revelada pelo docente no preparar o quadro deve acabar sendo também fonte de ensinamento de como outras pessoas utilizarem disciplinadamente e de forma criativa aquela superfície.

### 3 – O ESPAÇO RELATIVO

Não há, todavia, razão para se absolutizar o papel do quadro-negro na dinâmica da aula. Qualquer recurso, por melhor ou mais avançado que seja, nas mãos de um mero explicador de pouco vale. Se o que se deseja é ensinar de maneira profundamente significativa, os recursos têm que estar servindo a um **educador** em seus propósitos para com o **educando**. É mais do que sabido que o ensinar, ainda que tendo o seu “peso específico”,

é algo acanhado perto do vasto propósito de educar. Então, há de alguém fazer a pergunta: "o que, especificamente, pode fazer um quadro-negro pela educação?"

Conversava certa vez com uma senhora e nossa boa prosa resvalou para temas até meio nostálgicos de escola. E algo que então ouvi teve para mim especial importância. A senhora falava-me de um professor de geografia que tivera e que a marcara muito, bem como a parte da sua turma. Fazendo perguntas, eu quis muito saber por que razão aquele mestre, após tantos anos, permanecia de modo tão positivo na memória de uma ex-aluna já de meia-idade. Entre outras coisas, disse-me a senhora: "O professor preparava com um tal cuidado, sem preguiça, o roteiro de aula no quadro-negro que, no princípio e na comparação com outros mestres menos dedicados, nós o chamávamos de **O Caxias**. Mas devagar fomos percebendo que aquilo não era outra coisa senão um real respeito por nós, seus alunos e alunas, uma delicadeza com a qual ficavam imensamente facilitados os apontamentos de aula". E a ex-aluna seguiu falando sobre aquele homem de modos e conhecimentos firmes cujas aulas, no entanto, transcorriam num clima de gentileza e responsabilidade. De minha parte, fiquei impressionado com este fato: o fazer um bom quadro pode transmitir aos educandos uma mensagem de respeito pelo seu trabalho e de delicadeza para com suas pessoas. Não é importante que os alunos não percebam isto imediatamente. Gota a gota a mensagem será passada.

Tudo isto é relevante, mas não nos deve levar a uma absolutização da importância de algo que é não mais que um componente relativo. Conheci professores que pouco ou quase nada usavam de giz — alguns até por razão de saúde — e davam aulas ótimas. Não é o objeto que define o uso, mas o uso bom ou mal que define o objeto. A superfície neutra de uma lousa pode ser transformada também em fator de deseducação. Se o docente encontra outras formas de roteirizar suas explicações, sobretudo de permitir aos alunos eficiente documentação delas, não façamos do quadro-negro um critério de julgamento ou avaliação dos professores e do seu trabalho. Nos negócios humanos toda absolutização é um reducionismo que pode ser estabelecido em parâmetro esdrúxulo de "santas inquisições".

Alguns conseguem ritmar tão bem as suas aulas, dando tempo a que sejam anotadas as coisas mais relevantes, sabendo frisar com a inflexão da voz o principal e situar o secundário, que às vezes o recurso didático do quadro se torna realmente supérfluo para estes. Tudo é muito útil desde que seja necessário.

## CONCLUINDO

Esta foi uma reflexão sobre a utilidade das coisas simples. Sempre olhei, quando aluno, para um quadro-negro vazio com incontida curiosidade: o que cabe ali? todo o universo do saber em momentos distintos? os sonhos humanos? a atenção de um homem por outro homem? Tive um professor de Didática Especial que foi sabiamente recrutado não entre os teóricos, mas entre professores secundários de alto nível. E este marcou fundo em nós o real significado das coisas simples (como a lousa), na sala de aula. Como a minha experiência docente nunca desdisse os seus ensinamentos, quis refletir sobre esta miuçalha na qual pode caber um mundo.